



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ENVELHECER NO DISTRITO FEDERAL

Paula Rincón Afonso Costa

Universidade de Brasília

paularincon.a@gmail.com

“Podemos sentir empatia com as crianças porque já fomos como elas. Mas faltam-nos experiências que nos permitam compreender os velhos. Alguns insistem em que os filhos não lhes deixam faltar «quase nada». Compram-lhes presentes, roupa nova e chocolates. Mas o «quase nada» é para eles o «tudo» que não ousam reivindicar. O que eles mais desejam é um tempo de companhia” (PAIS, 2006, p.174).

Introdução

Melhorias na condição de vida aliadas ao desenvolvimento da tecnologia e da ciência, somados a outros avanços sociais e demográficos, proporcionaram o aumento da expectativa de vida e o crescimento do número de idosos e idosas. O envelhecimento populacional é uma tendência proporcionada por vários fatores. Entre eles destaca-se o declínio da taxa de mortalidade infantil, a redução do índice de fecundidade e o aumento da expectativa de vida. Todavia, é necessário mencionar que este processo não ocorreu de forma idêntica nas diferentes nações. Nos países desenvolvidos, o fenômeno do envelhecimento populacional foi gradativo e iniciado há mais de cem anos. Em contraste, nos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, este envelhecimento é algo relativamente recente e que se processa de forma rápida (SILVA, 2005).

No Brasil, o processo de envelhecimento populacional é apontado em pesquisas que, utilizando-se de índices etários, explicitam o aumento da proporção de idosos e idosas na sociedade brasileira (SILVA, 2005; PAULA, 2009). No país o envelhecimento se torna um problema coletivo e adquire visibilidade social nas décadas de sessenta e setenta, devido a um aumento demográfico representativo da população de idosos (SILVA, 2008). De acordo com dados divulgados pelo IBGE e analisados por Silva (2005), em 2000, havia no Brasil aproximadamente 16 milhões de pessoas idosas – o que corresponde a 9,3% da população. Deste total, 56% eram mulheres, com



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

expectativa de vida maior à dos homens – cerca de 7,6 anos. Esse fenômeno reforça a feminização da velhice.

Dados mais recentes, analisados e divulgados no dia 13 de outubro de 2010 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), sobre a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009, elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PNAD/IBGE), o Brasil segue uma tendência demográfica iniciada na década de 1970 de desaceleração no ritmo de crescimento populacional e envelhecimento da população:

“em 1940, a população idosa representava 4,1% da população total brasileira, mas passou a representar 11,4% em 2009. O contingente, em valores absolutos, aumentou de 1,7 milhão para cerca de 21,5 milhões no mesmo período. Por outro lado, diminuiu a proporção da população jovem. A população menor de 20 anos passou a apresentar uma diminuição no seu contingente em termos absolutos e relativos. Essa tendência irá se acentuar nas próximas décadas” (IPEA, 2010, p.3).

Observa-se então que a transição demográfica brasileira acontece de forma muito acelerada. De acordo com Küchemann, “num intervalo de 25 anos (1980 a 2005), o crescimento total da população idosa foi de 126,3%, ao passo que o crescimento da população total foi de apenas 55,3%” (2010, p.57). A estimativa populacional para o ano de 2025 é de que, no Brasil, a população de idosos e idosas alcance 15% da população total, o que corresponde a cerca de 30 milhões de pessoas.

A expectativa de vida no Brasil em 2001, segundo dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), correspondia a 67,8 anos. Este índice médio apresenta-se inferior a alguns países latino americanos, como Uruguai com 75,1; Argentina 73,9; Colômbia 71,8 e Paraguai 70,5 (SILVA, 2005).

Mesmo com o inegável crescimento da população idosa, a partir da observação cotidiana, torna-se perceptível a existência de um temor ao envelhecimento e à decadência física do corpo, o qual tenta ser evitado. Pesquisas indicam que, no Brasil, ser velho é algo socialmente desvalorizado. Há uma imagem negativa sobre esta etapa da vida, associando-a facilmente às idéias de dependência e fragilidade: “Ser velho é



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

estar à margem, enquanto em outras organizações sociais, o ancião é visto como fonte de sabedoria. Ser velho e ser mulher, ou seja, idosa é estar duplamente marginalizada” (PAULA, 2009, p.9).

Segundo Silva (2005), a situação pode ser modificada uma vez que os idosos e as idosas desempenham um papel cada vez mais expressivo de contribuição econômica e social para a família. Pesquisas realizadas pelo IBGE em 2002 apontam que aproximadamente seis milhões de idosos tinham sob sua responsabilidade filhos ou outros parentes.

A necessidade de se compreender melhor qual é o significado do envelhecimento, principalmente para aquelas pessoas que dele se aproximam, constituiu a motivação central da pesquisa realizada entre os anos de 2010 e 2011, que resultou em uma monografia de conclusão de curso de sociologia na Universidade de Brasília e a partir da qual este trabalho foi elaborado. Atualmente, esta permanece a preocupação central das reflexões acadêmicas durante a realização do Mestrado em Sociologia na mesma instituição.

Em um primeiro momento pretendeu-se compreender como os sujeitos considerados pré-idosos de acordo com a ONU – cujas idades compreendem entre 55 e 64 anos (PAULA, 2009) – significam seu corpo. Significar o corpo, no contexto de uma sociedade moderna cujos padrões são definidos com base no sentido de que “o belo é ser jovem”, é entender como se constroem as representações sociais do envelhecimento corporal no que diz respeito à influência dos padrões de beleza e juventude estabelecidos e ao impacto das novas tecnologias que buscam retardar o envelhecimento corporal.

Para alcançar tal objetivo, colocou-se como questão fundamental identificar e analisar as representações sociais do envelhecimento, tendo em consideração a relação estabelecida entre as modificações corporais e os processos de socialização (*habitus*) no espaço social das academias de ginástica.

Durante a realização da pesquisa recorreu-se à bibliografia sobre os temas corpo e envelhecimento. Esta nos permitiu estabelecer o pressuposto de que o envelhecimento



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

é compreendido como uma etapa da vida de decadência social e do corpo, fato que deve ser evitado com o auxílio de novas tecnologias, visando o prolongamento da juventude e da beleza.

Como referencial teórico metodológico, buscou-se fundamento nos trabalhos realizados sob a ótica da sociologia do corpo. Isto porque

“Pensar a velhice implica pensar nos corpos que os velhos são e que eles possuem, ao mesmo tempo. O corpo é o primeiro e mais evidente lugar onde se manifesta e se expressa a idade que possuímos. Assim como as fases do curso da vida, o corpo é uma construção social que só pode ser compreendida no interior da cultura que o produz” (SANTOS & DAMICO, 2009, s/p).

Então foi necessário partir da percepção do corpo humano para se compreender as lógicas sociais e culturais que o envolvem pretendendo, assim, investigar o corpo que envelhece, os gestos produzidos por ele e compreender quais elementos o revestem.

Recursos metodológicos

Compreende-se que o processo de envelhecimento não se reduz à sua dimensão biológica, pois envolve uma multiplicidade de aspectos que não se excluem e que tampouco se processam de modo homogêneo – nem cronológico, nem física, nem emocionalmente. Há sempre partes, órgãos, ou funções do corpo que se mantêm muito mais jovens; portanto, o envelhecimento nunca acontece ao mesmo tempo em todas as dimensões do ser humano. Ninguém se sente velho em todas as situações.

Mas, para a sistematização deste estudo fez-se necessário realizar um recorte etário. Aqui se seguem as indicações da OMS (Organização Mundial da Saúde) para definir como idosa (nos países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos) aquela pessoa cuja idade é igual ou superior a 60 anos. De acordo com PAULA (2009), a ONU (Organização das Nações Unidas) caracteriza as pessoas idosas em três grupos: pré-idosos (entre 55 e 64 anos), idosos jovens (entre 65 e 74 anos), e idosos em idade avançada (com mais de 75 anos).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Para a realização deste trabalho, apresentou-se mais interessante a escolha do subgrupo de idosos e idosas habitantes do Distrito Federal que se inserem no grupo definido como de pré-idosos, já que esta representa uma “fase de transição” da idade adulta para a velhice. Portanto, partiu-se da suposição de que estudando este grupo seria possível compreender a existência de uma heterogeneidade da importância atribuída à chegada da velhice e sua beleza conforme a idade avança.

O lócus da presente pesquisa foi a Associação Cristã de Moços (ACM). Esta academia de ginástica está localizada na SGAS 608, Área Especial, Asa Sul – Brasília/Distrito Federal. Ali são desenvolvidas várias atividades como: capoeira, correção postural, dança, esporte de quadra, ginástica, hidrogenástica, hidrospinning, hidroterapia, judô, karatê, musculação, natação e cycling.

A escolha deste lócus para a realização desta pesquisa deve-se primeiramente por ser este um espaço tradicional e pioneiro em Brasília, fundado em 1965. Também foi considerada a localização da academia, que ao situar-se dentro do Plano Piloto facilitou o acesso da entrevistadora. Outros aspectos de relevância para a escolha foram a oferta de uma ampla variedade de atividades esportivas e a realização, pela academia, de programas socioculturais como confraternizações, passeios e excursões, planejadas de acordo com a faixa etária, além do fato de que se trata de uma entidade que desenvolve projetos sociais e oferece bolsas aos alunos de baixa renda e que por esse perfil apresenta um público alvo diversificado em termos socioeconômicos.

Com o objetivo de iniciar a pesquisa no local acima citado, foi necessária uma visita à ACM para se conhecer a academia, tanto sua estrutura física quanto a dinâmica das atividades ali desenvolvidas; e estabelecer um contato inicial com a equipe do local, apresentando o desejo de realização deste trabalho naquele espaço. Para tanto foi redigida uma carta de apresentação deste projeto na qual também se incluiu um pedido de autorização.

Para a realização da pesquisa proposta lançou-se mão de diferentes procedimentos. Em uma primeira etapa foi realizada uma revisão bibliográfica para



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

construir um aporte teórico sobre o envelhecimento corporal. Em um segundo momento foi feita uma observação das atividades socioculturais realizadas com as pré-idosas¹.

A etapa de observação do lócus e atividades ali desenvolvidas foi essencial para a efetivação deste trabalho uma vez que o corpo humano foi considerado aqui como um objeto de estudo. Isto porque o corpo humano é uma materialidade dotada de uma densidade semiótica passível de ser “lida”, interpretada, classificada e categorizada por parte de quem com ele se defronta (FERREIRA, 2008). Desta forma coletaram-se dados visíveis referentes, por exemplo, às interações entre as pré-idosas, ao seu cuidado corporal, às suas condutas, aos gestos e cuidados de si partilhados, à forma como lidam com as atividades propostas, etc. Também se levou em conta a forma como as participantes compreendem, interpretam e reagem à presença da pesquisadora. Para registrar os dados acima, logo após as visitas à ACM, as informações recolhidas bem como as anotações feitas foram transcritas para o computador.

Uma terceiro momento desta pesquisa compreendeu a realização de entrevistas com as alunas e os alunos. Mesmo com a possibilidade de se provocar certo constrangimento, para uma coleta de dados precisa, as entrevistas foram realizadas utilizando-se um gravador e posteriormente transcritas. Para a realização das entrevistas acreditou-se ser mais adequada a utilização de um roteiro pré-estabelecido. Através da utilização desta técnica procurou-se compreender as representações sociais do envelhecimento do corpo e os significados deste momento para a vida das pré-idosas.

A quantidade de pessoas entrevistadas não foi rigidamente definida. Como bem colocou Queiroz (1987), há dificuldades de se delimitar o cálculo de entrevistas a serem realizadas quando o pesquisador desenvolve outras atividades e sua remuneração não o permite dedicação em tempo integral. Quando se trata de depoimentos longos e, o prazo de trabalho é de aproximadamente um ano, é preciso fazer um recorte. Assim, “o

¹ Em função do grupo entrevistado ser composto eminentemente por mulheres (quatorze mulheres e três homens), o sujeito feminino será tomado como referência. No decorrer deste trabalho, se o assunto em discussão incluir exemplos masculinos, será utilizada tanto a referência masculina como feminina. Com tal procedimento objetiva-se facilitar a leitura.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

número de três ou quatro por pesquisadora parece suficiente para serem delineadas as primeiras linhas gerais relativas ao problema” (1987, p. 56).

Ao todo foram entrevistadas dezessete pessoas, quantidade considerada suficiente para se obter elementos significativos que se repetem nos discursos e nos permitem compreender o envelhecimento do grupo em questão. Mesmo que esta quantidade pareça pequena e insuficiente, se a análise é bem feita pode, segundo Durkheim, levar “a conhecimentos válidos; não é a quantidade de fatos registrados que conduz a conhecimentos novos, e sim a análise cuidadosa de fatos cruciais” (DURKHEIM apud QUEIROZ, 1987, p. 57).

Ressalta-se que esta pesquisa não pretendia ter representatividade estatística. Trata-se de um exercício de análise de discursos referentes a um grupo limitado de alunos e alunas frequentadores da ACM. Portanto, aqui a representatividade “é válida do ponto de vista da *pertinência* e *conveniência* [grifos do autor] sociológica dos casos selecionados (...), e não a da significância estatística dos casos acumulados” (FERREIRA, 2008, p.26).

Como referencial metodológico para análise de todo o material coletado foi utilizado o aporte teórico da teoria das representações sociais. O conceito de representações sociais, ao transcender a perspectiva individual expressando visões de mundo ao mesmo tempo em que exercem influência sobre a conduta individual, se constitui como um importante instrumento para a compreensão da relação corpo-envelhecimento partilhada pelo grupo social em questão.

Discussão

A ACM é uma academia onde convivem pessoas de diferentes classes sociais. Para uma análise dos discursos produzidos, considera-se fundamental compreender que as academias constituem-se em espaços sociais que, retomando Bourdieu (2002), interferem na constituição das práticas e na manifestação dos *habitus*.



Durante a análise dos discursos, percebeu-se que o discurso biomédico que coloca a prática da atividade física como uma forma de se ter a melhora do organismo é apropriado e re-significado pelos/as entrevistados/as. As pessoas reconhecem os conselhos e indicações médicas e lhes atribuem um estatuto de verdade única sobre seu corpo. Então, com as modificações biológicas ocorridas com o envelhecimento, uma nova forma de lidar com o corpo, baseada em técnicas corporais resultantes de um desenvolvimento científico, é colocada às pessoas e incorporada no seu cotidiano.

Aqui, compreende-se o conceito de técnicas corporais conforme são definidas por Marcel Mauss como “as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo” (MAUSS, 2003, p.401). Nesta perspectiva, inúmeras técnicas do corpo são possíveis, e estas variam tanto de um grupo social para outro grupo quanto ao longo do tempo dentro de uma sociedade. Portanto, a forma como as entrevistadas dispunham de seu corpo, as técnicas corporais que foram aprendidas através de sua socialização e educação e tidas como normais devido a sua eficácia, foram construídas a partir do contato com um discurso médico, como se pôde perceber dos trechos das entrevistas anteriormente apresentados e que podem ser aqui representados pela fala da Entrevista 5 como forma de enfatizar a noção de representação encontrada: **“Pedido do médico.** Eu estava com a pressão muito alta, aí eu vim fazer uma atividade física” (grifo nosso). Mais uma vez vê-se a legitimidade atribuída a este discurso, capaz interferir na forma como o indivíduo dispõe de seu corpo, principalmente quando se fala de um corpo envelhecido:

“A metáfora médica da velhice passou a exercer acentuada influencia social, definindo não somente o envelhecimento físico como também as representações sobre a experiência de envelhecer. A aceitação e a justificação de tal metáfora incidiram sobre a percepção dos sujeitos, que passaram a recorrer ao discurso médico para definir a si mesmos e a sua experiência. De fato, a definição médica da velhice disseminou-se para outros campos de saber e determinou amplamente o seu espectro no imaginário cultural, alimentando os discursos do Estado, a formulação de políticas assistenciais e a formação de outras disciplinas como a gerontologia” (SILVA, 2008, p.159).

É neste contexto que as falas que associam as técnicas e práticas corporais a uma boa saúde se tornam cada vez mais comuns. É importante destacar também que, “a legitimação da educação física brasileira, que tem sido historicamente defendida a partir



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

da argumentação de que *a atividade corporal promove a saúde* (o esporte incluído)” (STIGGER, 2002, p.214), aliada ao discurso biomédico, contribuiu para a reprodução pelas entrevistadas de um discurso produzido socialmente que aponta a hidroginástica como uma boa solução para se “manter a saúde” e, também manter a “forma física”. No espaço social estudado, a saúde é um valor que predomina enquanto orientadora das práticas. A prática de atividades físicas se impõe como um “estilo de vida” partilhado e passa a ser tomado como padrão cultural pelas alunas.

A prática da hidroginástica também é comumente associada pelas entrevistadas a uma forma de garantir a boa saúde mental. Os benefícios psicológicos atribuídos à hidroginástica devem ser considerados aliados ao fato de esta atividade ocorrer em um espaço social, ou seja, as redes sociais formadas na ACM garantem que as alunas constituam um grupo de amigos/as e tenham a oportunidade de se encontrar. A noção de rede social implica entender este grupo de uma forma mais ampla, considerado sua formação a partir da correspondência de vivências e interesses em comum. Ferreira (2008), discorrendo sobre as microculturas juvenis, aponta que as redes sociais formadas se apresentam como espaços de

“socialização inclusiva, conectando esses jovens com uma atitude de dissidência através de linguagens, recursos expressivos e formas de ação que lhes são sedutores e entendíveis (a música, os visuais e outras formas de expressão). Simultaneamente, potenciam a articulação dessa atitude com causas conhecidas e vivenciadas pelos jovens, proporcionando espaços de acolhimento, aceitação e reconhecimento social para aqueles que, noutros contextos, não têm facilidade de integração, onde podem partilhar orgulhosamente experiências, perspectivas, pragmáticas e atitudes que se propõem como «alternativas» perante a vida e a sociedade” (2008, p.306).

Mesmo que as relações sociais entre as participantes das aulas de hidroginástica não se estabeleçam em outro espaço que não a ACM (estas redes se dissolvem se o encontro naquele espaço deixa de se processar), o convívio ali é intenso. É interessante observar que, durante algumas aulas as alunas formaram grupos de amigas dentro da piscina para poderem conversar enquanto realizavam os exercícios. Portanto, ali se estabelece um convívio que permite às pessoas estabelecerem laços de amizade entre pares semelhantes de acordo com sua idade. Então, as aulas de hidroginástica se constituem em mais um espaço onde acontece a socialização dos indivíduos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A busca pelo espaço da academia como um lugar de socialização pode aqui ser discutida como uma forma de se afastar a solidão. No mundo moderno vive-se em uma sociedade onde as pessoas são vistas cada vez mais “como seres individuais fundamentalmente independentes, como mônadas sem janelas, como ‘sujeitos isolados’, em relação aos quais o mundo inteiro, incluído todas as outras pessoas, representa o ‘mundo externo’ (ELIAS, 2001, p.61). Assim, o “outro” se diferencia nitidamente do “eu”, afastando-se gradualmente deste. Esta auto-imagem de um ser autônomo pode refletir sentimentos de solidão e isolamento emocional.

E a solidão aumenta à medida que avançam os anos. Elias (2001) afirma que em muitas sociedades a proximidade de um fim da vida acarreta o isolamento social dos velhos. A velhice, inscrita no corpo que se torna cada vez mais frágil pode ser o suficiente para separar aquelas pessoas que envelhecem do convívio social, algo que pode se tornar extremamente penoso para aquelas pessoas que são deixadas sós.

Portanto, a hidroginástica aparece como uma forma de estabelecer laços sociais, afastando uma solidão sentida por estar gradualmente mais sozinho no mundo, decorrente tanto do seu isolamento social quanto do fato das pessoas de idades semelhantes às suas, ou que foram referência em suas vidas, já haverem falecido. Desta forma também se estabelecem laços de solidariedade entre os indivíduos.

A associação da velhice com uma etapa da vida de solidão e afastamento do mundo social foi uma forma recorrente encontrada pelas entrevistadas para representar o envelhecimento. Entretanto esta representação não foi um consenso, fato que fortaleceu a idéia de que a experiência do envelhecimento não é homogênea e sim vivenciada de formas diferentes. Como já discutido, a forma de lidar o próprio corpo, assim como as modificações físicas e orgânicas que ocorrem ao longo do tempo variam com a localização social.

Neste sentido, as representações sociais encontradas, que foram atribuídas ao envelhecimento, o apresentavam como uma etapa de:

- a) Aquisição de experiência, equilíbrio, tempo livre e aquisição de uma “liberdade” dos compromissos sociais: aspectos positivos. Neste grupo, incluem-se as representações do envelhecimento como uma etapa da vida



onde se tem mais experiência de vida, o que se reflete diretamente em um desempenho melhor da atividade laboral. Envelhecer é, portanto, alcançar um equilíbrio emocional, compreender melhor o mundo e amadurecer; e é, também, ter mais tempo livre com relação às expectativas sociais, alcançando-se uma liberdade (que em alguns casos se mostra apenas como um ideal de liberdade, ou pseudo-liberdade, já que, principalmente as mulheres idosas, continuam pautando suas atividades diárias com relação aos horários e necessidades de seus familiares, não se desvinculando das obrigações socialmente atribuídas às mães e esposas e transferidas às avós) que lhes confere a sensação de poderem fazer o que querem. Esta representação da velhice associa aspectos positivos, representando ganhos, entretanto a entrevistada 13 e o entrevistado 3 apontam que para se ter tal entendimento é preciso conhecer o próprio corpo e saber de suas limitações e capacidades.

- b) Perda de interesse pela vida, decrepitude do corpo humano e enfermidades associadas: aqui as representações do envelhecimento se apropriam de um discurso biológico do aumento gradativo das limitações do corpo humano que se debilita, associado a manifestações corporais específicas como a queda de cabelo, o ganho de peso, o aparecimento de rugas, etc. Então, envelhecer significa a modificação da existência humana. As marcas corporais do envelhecimento são visíveis. A debilidade do corpo que está cada vez mais sujeito a enfermidades aparece como fato responsável pela perda de interesse pela vida e realizações diárias, até que se processe a morte do indivíduo. Então, o envelhecimento é um momento em que se está cada vez mais próximo da morte.
- c) Rejeição social: Por último identificamos representações do envelhecimento também associadas a aspectos negativos, apontando-o como um processo que torna a pessoa rejeitada socialmente, onde se estabelece uma relação conflituosa com a sociedade. Interessante notar que este discurso foi claramente expresso na fala de uma aluna bolsista, cuja renda familiar correspondia a aproximadamente um salário mínimo e que, portanto, conta



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

com uma quantidade menor de recursos para lhe garantir um envelhecimento melhor assistido. Em outras falas também foi identificada a percepção pelas idosas da existência de atitudes preconceituosas e discriminatórias da sociedade (e principalmente dos jovens) com relação a elas, independentemente de sua posição na estrutura social.

Conclui-se das representações acima expostas que não há uma unidade de opiniões sobre o que é envelhecer para o grupo entrevistado. Interessante notar que, mesmo que o envelhecimento tenha sido representado por estas pessoas, este apareceu muitas vezes como algo que não lhes pertencia, que lhes era distante. Beauvoir (1990) já nos lembrava na década de 1970 que, em nossa sociedade, envelhecer é um problema que atinge o outro, e não a nós próprios, principalmente nos casos em que o envelhecimento se processa sem choques ele é dificilmente percebido. Em outros momentos, o envelhecimento foi apresentado como um processo contínuo iniciado ainda na juventude (e até a partir do próprio nascimento) ao qual não seria possível atribuir uma idade específica para seu início.

No decorrer das reflexões estabelecidas durante a pesquisa, percebeu-se que o pressuposto inicial, de que o envelhecimento visto por nossa sociedade como uma etapa de decadência social e do corpo se expressaria na tentativa das pessoas pré-idosas de evitar suas marcas a qualquer custo, não se aplicava em sua totalidade pois a discussão adquiriu, entre as/os entrevistadas/os, uma dimensão mais ampla.

Mas, a representação da velhice enquanto uma etapa de decadência é uma realidade e, quando são feitas referências às modificações corporais decorrentes do envelhecimento, a questão estética se impôs. As intervenções estéticas e cirúrgicas não se mostraram uma necessidade, mas foram consideradas legítimas. Para as entrevistadas, a beleza alcançada através da manipulação do corpo é desejada, mas não fundamenta suas relações, mesmo porque as cirurgias, para elas, podem ser excessivas.

A não indicação da manipulação corporal como algo imprescindível no mundo contemporâneo pode ser associada à particularidade do grupo em questão, de pré-idosos, pessoas que tiveram sua socialização primária em uma época em que o país



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

vivia uma migração do rural para o urbano. Provavelmente, muitos viveram durante sua infância e adolescência no meio rural, onde as características físicas não eram consideradas tão importantes diante do suor e do trabalho, como demonstrado na entrevista 15 em que o entrevistado não identifica a beleza como um aspecto essencial, talvez por, durante a infância, ter escutado sua mãe dizendo que “beleza não põe a mesa”.

Entretanto, não há como negar que são inúmeras as tentativas de camuflar, mediante a utilização de cosméticos, as “marcas do tempo” que se inscrevem em seus corpos, algo que ficou demonstrado em todas as falas (excetuando-se as dos entrevistados) quando afirmaram utilizar tinturas, maquiagens e cremes. Tal fato reafirmou as proposições colocadas pela bibliografia revisada (e que serviu de base para a pesquisa) quando aponta para uma exaltação, na atualidade, do corpo jovem a partir de uma tentativa de se corrigir as marcas do tempo que se inscrevem no corpo envelhecido. Nesta perspectiva, o sentir-se bem, para estas entrevistadas, está relacionado ao fato de ainda se sentirem jovens, de terem uma aparência jovem, como se para serem valorizadas tivessem que possuir esta característica.

Portanto, foi evidente a dificuldade das entrevistadas de se identificarem com pessoas idosas. Mesmo que as outras pessoas lhes outorguem o estatuto de idosa, prevaleceu entre as entrevistadas o discurso de não se sentirem de tal forma, pois se consideram jovens, como no momento em que enunciavam algo do tipo: “Idosa, idosa não”; “Eu acho que eu tenho o espírito mais jovem que a minha filha”; “mas eu não digo que eu sou idosa, porque eu não sou”; “Nãaaao, de maneira alguma. Graças a Deus não e eu acho que eu tô bem na fita (Entrevistas 8, 10, 13 e 17, respectivamente).

Embora nos discursos envelhecer tenha sido apontado como vivenciar uma fase da vida que pode ser positiva e as/os entrevistadas/os afirmem sentir dores e/ou ter problemas de saúde, a fragilidade de seu corpo não foi suficiente para a identificação total destas pessoas com o universo dos idosos. A população entrevistada buscou uma identidade socialmente aceita que se compõe referenciada na juventude, pois, como se verificou, há a constituição de uma dualidade estabelecida como paradoxo entre ser idoso ou velho e ser jovem. Em uma sociedade em que a produtividade, e ousa-se dizer



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

que também a felicidade do indivíduo, está associada ao ser jovem ou ao ideário de juventude, o fato de não desejar ser idoso ou velho parece ser lugar comum.

Então ser idosa/o não é algo central na identificação destas pessoas, pois suas representações do envelhecimento o mostraram como um processo ao qual estão próximos, mas que não lhes pertence em sua totalidade.

Entretanto, pode-se perceber que a realização de exercícios de hidroginástica no espaço da academia mostrou ter um significado muito mais amplo para estas pessoas, que transcende a necessidade de se identificar com o corpo jovem associado a um estilo de vida saudável e que vai em direção à terceira forma identificada de se representar o envelhecimento. Freqüentar a academia para as/os pré-idosos/as foi associado, então, a uma forma de se localizar em uma rede de sociabilidade que lhes proporcione uma identificação com outras pessoas que têm idades semelhantes, podendo, neste âmbito, constituir uma espécie de nova identidade. Desta forma, inserir-se no grupo se apresentou como uma maneira de evitar o estranhamento polido, isto é, a indiferença socialmente constituída com os sujeitos que têm seus corpos modificados pelas marcas do envelhecimento, assim, estes sujeitos podem ter no processo de socialização da academia o alcance de um reconhecimento social, ao passo que estabelecem laços que são solidários, mas que se restringem àquele espaço social.

Então, o *habitus* dos sujeitos, que participam de um grupo que vivencia esta mesma etapa da vida (as/os alunas/os de hidroginástica), ao encontrar na academia um espaço social propício para vivenciar outros processos de socialização, foi ressignificado, isto é, estas pessoas tiveram suas vidas redefinidas, inclusive, apropriando-se de formas de lidar com seus medos e afastando – naquele contexto – dos momentos de solidão, que é marca recorrente de um mundo que tende cada vez mais à individualização e em que os laços de solidariedade se dissolvem gradualmente, enquanto a velhice permanece associada a uma fase que está próxima ao fim da vida e que, portanto, pode ser polidamente estranhada.

Considerações Finais



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

A realização da pesquisa acima relatada chama a atenção para a diversidade das representações atribuídas ao processo de envelhecimento. Há, entre o grupo entrevistado, inúmeras descrições possíveis sobre o que é envelhecer, o que a mostra como uma construção complexa e que deve ser considerada em relação ao contexto sócio-cultural no qual se insere.

Foi extremamente relevante a entrevista de uma pré-idosa cuja renda era aproximadamente um salário. Isto porque, suas percepções sobre o envelhecimento e também as marcas corporais do envelhecimento inscritas em seu corpo, se mostraram radicalmente diferenciadas das do grupo em questão, visto que a entrevistada alegava ter uma série de limitações para alcançar um envelhecimento bem sucedido.

Esta exceção ao grupo incita a pesquisadora a dar continuidade a suas reflexões sobre o envelhecimento no Distrito Federal, procurando em um segundo momento pretende-se compreender a viuvez no contexto de envelhecimento sob uma perspectiva de gênero, e principalmente identificar como idosos e idosas, habitantes na região e cujos cônjuges faleceram, reconstróem suas vidas e suas identidades a partir de um momento claro e bem delimitado em suas vidas, que é a morte de suas/seus companheiras/os. Espera-se compreender as particularidades desta dupla situação tanto para pessoas que habitam no Plano Piloto quanto para aquelas que habitam nas cidades satélites, considerando que, devido à estruturação espacial sócio-econômica do Distrito Federal, esta comparação geográfica corresponde em sua grande maioria (mas não necessariamente em sua totalidade) a uma distribuição de renda radicalmente diferente. Ressalta-se aqui que a presente pesquisa encontra-se em um estágio inicial, de delimitações e reflexões iniciais.

Bibliografia

BEAUVOIR, Simone de (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BOURDIEU, Pierre (2002). *Esboço de uma Teoria da Prática*. Oeiras: Celta.

ELIAS, Norbert (2001). *A Solidão dos Moribundos, seguido de Envelhecer e Morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

FERREIRA, Vitor Sérgio. (2008) *Marcas que demarcam*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

IPEA (2010). *Comunicados do IPEA n.64: PNAD 2009 – Primeiras Análises: Tendências Demográficas*. Disponível na World Wide Web: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/101013_comunicadoipea64.pdf>. Acesso em 13 out. 2010.

KÜCHEMANN, Berlindes Astrid (2010). *O cuidado aos idosos e às idosas: novos desafios para as cuidadoras informais*. In: Anais do Simpósio Gênero e Psicologia Social. Brasília. Disponível na World Wide Web: <http://generoepsicologiasocial.org/wp-content/uploads/Anais_do_Simposio_Genero_e_Psicologia_Social2010.pdf>. Acesso em 28 mai. 2011.

MAUSS, Marcel. (2003). As técnicas do corpo. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo; Cosac & Naify: 399-424.

PAIS, José Machado (2006). *Nos rastros da solidão. Deambulações Sociológicas*. 2ª ed. Porto: Editora Ambar – Idéias no Papel.

PAULA, Rouseane da Silva (2009). *Eu sou você amanhã: a constituição identitária da velhice feminina*. Disponível na World Wide Web: <<http://itaporanga.net/genero/gt7/501.pdf>>. Acessos em 13 abr. 2010.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de (1993). *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo, CERU e FFLCH/USP, (Col. Textos, 4).

SANTOS, Flávia da Cruz; DAMICO, José Geraldo Soares (2009). O mal estar na velhice como construção social. In: *Pensar a Prática*, Goiânia, vol.12, n.1. ISSN (Eletrônico) 1980-6183. Disponível na World Wide Web: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/feef/article/viewArticle/4439/4519>>. Acessos em 13 abr. 2010.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas (2008). Da velhice à Terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. In: *História, Ciências, Saúde*. Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.155-168.

SILVA, Marina da Cruz (2005). O processo de envelhecimento no Brasil: desafios e perspectivas. In: *Textos sobre Envelhecimento*. Rio de Janeiro, v.8, n.1. Disponível em: <http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-5928200500010004&lng=es&nrm=is&tlng=pt>. Acesso em 04 Jun. 2010.

STIGGER, Marco Paulo (2002). *Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico*. Campinas: Autores Associados.